

Na terceira parada de uma viagem cujo objetivo era cruzar o país pelo centro, me contaram uma das estórias mais esquisitas das quais já tomei nota. Eis que um sujeito, já bem velho, nos escuta falar sobre as lembranças de cada um sobre a passagem do Cometa Hale-Bopp em 1997, e logo nos interrompe abruptamente. Com o corte seco na conversa alheia, começara a falar da vila em que nasceu, nas redondezas de Conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais. Para justificar a sua intromissão, dizia que apesar de não ter visto o tal cometa, ao longo de toda sua infância e juventude viveu dias em que podia ver no céu muitas coisas diferentes a todo tempo.

Ele continuava — com uma voz rouca e sempre pontuando cada frase com pausas abissais —, que havia sido criado pela mãe, avó e tias, como todas as outras crianças do lugar. Eram essas mulheres que tomavam conta da vida comum, e decidiam sobre o que quer que fosse. Dos homens adultos, ele nem se lembrava.

Uma vez por ano, logo no início do ano, essas mulheres retiravam tudo de suas casas e rearranjavam num mesmo círculo, como um depósito comum. Como esse tudo já era pouco, não era lá tanto trabalho assim. Então, ao meio-dia, diante do amontoado composto por todas as coisas que todo mundo tinha, cada pessoa escolhia um ou dois objetos com os quais gostaria de passar o ano que se abria. O resto era queimado em uma grande fogueira. Esses incêndios anuais todos, na memória dele, faziam sempre um fogaréu branco, que deveria ser encarado por todo mundo até a sua consumação.

Com o dedo indicador — um dedo enorme, bem largo mesmo — apontando para cima,

o homem contava que, já à noite, as pessoas da vila, com os olhos maculados de tanto olhar pra fogueira, passavam muitas horas vendo o céu. A partir dali, elas podiam enxergar muito mais do que em dias comum. Segundo ele dizia: meteoros a todo tempo e mais um monte de coisas lá de fora. Suponho que também era o tempo que tomavam para imaginar o que fazer com o resto dos dias todos. Muita coisa que ele viu nessas ocasiões, ele diz que não conseguiria jamais descrever.

Agora, diante dos temas e obras que compõem esta exposição, a ativação daquelas mulheres sempre me aparece. Estes trabalhos, pensados especificamente para este pequeno cômodo, criam um único ato dividido em diferentes partes, sem que haja, no entanto, submissão contextual para cada parte em relação ao todo. Giram, assim, em torno da potência e estatuto de elemento incondicional dos objetos e movimentos que se erguem ou escorrem pelos cantos laterais das estruturas narrativas. São peças que parecem retiradas de cenários siderais, adornos barrocos, celebrações ou simples marcações de passagem de tempo. Em cada uma desenvolve-se a capacidade discursiva do que antes era periférico ao núcleo narrativo, e que agora é paisagem. Numa casa há pouco completamente vazia, foi com o que se escolheu voltar a ocupar.

Marcada para o início do ano, a mostra se vale do estado de espírito característico aos lugares destinados ao transitório — em que se guarda o que compõe uma cena, festa ou decoração —, para explorar um espaço de sobrevida, no entremeio do calendário. Através de esculturas pensadas a partir de exercícios que exageram em suas representações, são ativadas inter-

venções arquitetônicas e gestos dramáticos que abordam questões universais sempre por vias palpáveis, superficiais e literais. A réplica, a maquete, o pastiche e a fantasia, é com o que se arrisca, sempre pela via comum e banal, em tentar preencher o que se coloca entre nós e o cosmológico, o absurdo, o inalcançável.

Se por um lado qualquer corpo celeste suspenso ou uma aparição no piso reverbera a materialidade limitante dos artefatos, por outro é capaz de trazer à tona os aspectos esotéricos e enigmáticos que podem existir em certas formas e emprego de certos materiais. A partir da contemplação de imagens da NASA convertidas em fundo de tela do Windows ao escorrimento da luz de LED e à cópia caseira de uma peça rococó, podemos exercitar-nos para além das faculdades objetivas e racionais, e nos aproximar de possibilidades inauditas, e ainda assim, em tudo óbvias, que podem existir em objetos ultraconhecidos. Com sorte, nos deparemos com uma nova economia dos corpos.

Entre o chão e o teto, ou entre o que está posto aqui e tudo o mais, não há nada. Só o branco da queima.

Germano Dushá

Boca do Céu
Flora Leite

Abertura:
11/02/2017

Visitação:
13/02 a 01/04/2017

Oficina Cultural Oswald
de Andrade
Rua Três Rios, 363
Bom Retiro

Trabalhos:

Broche (Nuvem)
PU e resina

Meteoro
Cobre e imãs

Chocadeira
12 ovos de gesso e tinta
acrílica

Fantasma
Limpeza do piso ex-
cedente

Gozadinha
Pingo de LED e man-
gueira

Agradecimentos:

André Turazzi
Heloísa Baldin
Maura Grimaldi
Nailú Lopes

Impressão:

Edições Aurora

Montagem:

ZangZagatti Oficina

Imagem de capa:

Acrílica e nanquim sobre papel
(Foto de André Turazzi)